



VOZES DA RESISTÊNCIA: A PRODUÇÃO DE VIDEOCAST COMO POSSIBILIDADE DE (RE)SIGNIFICAÇÃO PEDAGÓGICA DO PORTO DE SÃO MATEUS

SANTOS, João Vitor¹
HENRIQUES, Gino Santos
FERREIRA, Uriel Santana Marques
TEIXEIRA, Marcos da Cunha

Resumo

O Porto de São Mateus, no Espírito Santo, apresenta duas faces. Por um lado comprehende um lugar emblemático que manifesta o racismo estrutural brasileiro, enraizado no tráfico atlântico e na exploração da mão de obra escravizada. Por outro, representa um território de forte resistência cultural negra, cuja ancestralidade se perpetua na identidade local. Neste estudo, relata-se a experiência vivenciada em uma atividade acadêmica que culminou com a confecção de um *videocast* que se debruçou sobre a história, a cultura, o racismo e outros aspectos que perpassam o Porto com objetivo de analisar o seu potencial para uma educação ambiental crítico-decolonial. Além da urgência de se combater o apagamento histórico que envolve o Porto, com a realização do *videocast* buscou-se alinhar a cultura digital como forma de efetivação da Lei 10.639/2003, que obriga o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira. A metodologia adotada combina a análise teórica de referenciais sobre racismo, memória social e pedagogias decoloniais com o relato de experiência do processo de produção do *videocast*. As considerações finais apontam que o produto audiovisual, ao priorizar a oralidade e a inclusão das vozes da comunidade negra local, configura-se como uma prática de educação ambiental crítico-decolonial. Nesse contexto, ainda promoveu o protagonismo estudantil e reuniu elementos para o empoderamento racial através da reescrita da memória regional.

Palavras-chave: História Afro-Brasileira. *Videocast*. Porto de São Mateus. Empoderamento Racial. Educação ambiental crítico-decolonial.

Introdução

A formação racial e social do Brasil é um projeto histórico profundamente marcado pelo tráfico atlântico de africanos, um sistema que não se limitou a um evento, mas constituiu a própria estrutura da colônia e do império. Este regime de violência e desumanização moldou a nação e deu origem ao racismo estrutural que se manifesta nas profundas desigualdades contemporâneas (ALMEIDA, 2018).

¹ Graduando do curso de Ciências Biológicas Licenciatura. Laboratório de Educação Ambiental (LabEA/UFES), Centro Universitário Norte do Espírito Santo (CEUNES). Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: joaoivictordr.santo@gmail.com





Neste cenário de longa duração, o município de São Mateus, no Espírito Santo, emerge como um ponto de análise crucial. Seu porto, ativo centro comercial nos séculos XVIII e XIX, foi simultaneamente vetor de desenvolvimento econômico e um epicentro local do tráfico de escravizados, evidenciando como a economia capixaba se ergueu sobre a exploração (RUSSO, 2011).

No entanto, o Porto de São Mateus transcende a memória da violência, afirmando-se como um território de resistência negra. A população africana e afrodescendente, mesmo sob opressão, preservou e ressignificou práticas culturais, religiosas e sociais que se tornaram elementos constitutivos da identidade local. Pensar o Porto como um lugar de memória (NORA, 1993) exige abraçar essa dupla narrativa, que condensa a dor e a ancestralidade.

A urgência em abordar essa história complexa é de combater o silenciamento histórico exige a adoção de metodologias pedagógicas ativas e alinhadas à cultura digital contemporânea, como o *videocast/podcast*. É neste contexto que nasce a reflexão proposta, originada em uma disciplina universitária que nos desafiou a produzir o podcast/videocast sobre a temática do Porto de São Mateus. Foi nesse horizonte que se desenvolveu o presente trabalho, originado em uma disciplina universitária que desafiou os estudantes a produzir um *videocast* sobre a temática do Porto de São Mateus, articulando história, cultura e racismo. A proposta se concretizou por meio da parceria com o Centro Regional da Juventude (CRJ), que disponibilizou o estúdio e os equipamentos necessários para a gravação.

Tomando como base a perspectiva da educação ambiental crítica, o trabalho teve como objetivo principal relatar e analisar a experiência de confecção do *videocast* sobre a história, a cultura e o racismo presentes no Porto de São Mateus. Em contexto acadêmico, buscou ainda discutir o potencial pedagógico e social do *videocast* como recurso didático interdisciplinar no ensino de História, Sociologia, Artes e Educação Ambiental, além de seu papel no fomento ao empoderamento racial. Para tanto, dialoga com referenciais sobre racismo estrutural (MUNANGA, 2005; ALMEIDA, 2018), memória social (HALBWACHS, 1990; NORA, 1993) e pedagogias decoloniais (MIGNOLO, 2007; WALSH, 2009), articulando o passado e o presente de forma crítica. A relevância desta investigação reside, portanto, em unir a





valorização da memória negra local à inovação pedagógica, reforçando o compromisso com uma educação transformadora, libertadora e antirracista.

Contexto de Criação e Escolha do Tema

A ideia para a produção do material audiovisual nasceu como parte das atividades realizadas no âmbito da disciplina universitária “Pesquisa, Extensão e Prática Pedagógicas em Educação Ambiental” (PEPEA) do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas. De acordo com o Projeto Político Pedagógico, a disciplina tem como objetivo proporcionar ao estudante experiência com o desenvolvimento de uma ação pedagógica onde investigação e extensão estivessem integradas. Assim, os estudantes foram desafiados a produzirem uma ação investigativa que produzisse conhecimentos para serem aplicados em uma atividade pedagógica. Após discussão entre professor e estudantes, decidiu-se pela investigação de vários temas socioambientais relevantes para o município de São Mateus e socialização dos mesmos por meio da produção de *videocasts*. Entre os temas selecionados, o Porto de São Mateus. Essa escolha se deu pela capacidade do local de articular a História do Brasil (a escravidão) com a necessidade de resgate das narrativas de resistência e ancestralidade negras, combatendo o silenciamento histórico.

Processo de Confecção e Perspectiva Decolonial

A confecção do produto exigiu que houvesse uma análise bibliográfica inicial aliada a uma pesquisa ativa e participativa, estruturada em múltiplas etapas. O processo envolveu tanto o levantamento de referências quanto a criação colaborativa do *videocast*, garantindo que a produção fosse não apenas técnica, mas também crítica e socialmente comprometida.

- Pesquisa Documental e Bibliográfica: Foram levantadas fontes sobre o ciclo da cana, o porto e o tráfico de pessoas escravizadas em São Mateus (RUSSO, 2011), além de estudos sobre racismo estrutural (ALMEIDA, 2018; MUNANGA, 2005) e memória social (HALBWACHS, 1990; NORA, 1993). Essa etapa fundamentou teoricamente o roteiro e orientou a formulação das perguntas que seriam direcionadas às entrevistadas.

- Parceria Institucional e Produção Técnica: A gravação foi realizada em parceria com o Centro Regional da Juventude de São Mateus (CRJ), espaço que





disponibilizou toda a infraestrutura necessária, incluindo câmeras, microfones e suporte técnico. Essa cooperação entre universidade e comunidade fortaleceu o caráter público e coletivo da ação, aproximando a produção científica dos espaços de convivência e protagonismo juvenil do município.

- Entrevistas e Estrutura do *Videocast*: Com base na pesquisa teórica, foi elaborado um roteiro de perguntas que guiou as entrevistas e garantiu a fluidez da conversa. As perguntas foram formuladas para provocar reflexões sobre a história do Porto, a presença negra, o racismo estrutural e os processos de resistência cultural. O *videocast* contou com a participação de duas convidadas centrais, cujas trajetórias ampliaram a legitimidade e a profundidade da narrativa:

- Mônica Felipe Santos Loza (Mônica Porto): escritora e ex-professora formada em Letras pela UFES, residente nas proximidades do porto, trouxe memórias familiares e experiências afetivas ligadas ao território. Sua fala representou a voz viva da comunidade e da ancestralidade local.
- Professora Doutora Simone Raquel Batista: docente do Departamento de Educação e Ciências Humanas (DECH/CEUNES/UFES) e pesquisadora do CNPq, com estudos voltados às territorialidades tradicionais e comunidades quilombolas, pesqueiras e campesinas. Sua contribuição conferiu rigor científico e uma leitura decolonial sobre o espaço e as práticas de resistência negra.

A partir desse diálogo, foi produzido um *videocast* de aproximadamente uma hora e meia, repleto de informações valiosas sobre a história e a população de São Mateus — narrativas que, muitas vezes, permanecem invisibilizadas nos registros oficiais e na memória coletiva. A escolha do formato audiovisual e da oralidade como eixo condutor se alinha à pedagogia decolonial (MIGNOLO, 2007; WALSH, 2009), pois reconhece a voz, o corpo e a experiência como fontes legítimas de conhecimento. Dessa forma, o *videocast* ultrapassa a simples função comunicativa, configurando-se como um ato político de reescrita histórica e de valorização dos saberes locais.





Impactos e Reflexões

O processo de produção e gravação do *videocast*, mediado pela parceria entre a universidade e o Centro Regional da Juventude, gerou impactos significativos tanto na formação dos estudantes quanto na valorização da memória coletiva local. O ambiente colaborativo possibilitou uma vivência concreta de educação comunitária e extensão universitária, conectando o saber acadêmico às experiências reais do território.

A escuta das falas de Mônica Porto e da Professora Simone Raquel Batista revelou o quanto o conhecimento nasce também da experiência vivida, da oralidade e da ancestralidade. Essas narrativas despertaram nos estudantes uma compreensão mais sensível sobre as relações entre memória, identidade e resistência, reforçando a ideia de que o lembrar é um ato político (HALBWACHS, 1990).

O *videocast*, tornou-se um registro valioso de histórias, vivências e análises sobre o Porto de São Mateus e sua população, histórias que, muitas vezes, não estão presentes nos livros didáticos nem na memória institucionalizada. Essa produção revelou-se, portanto, uma forma de reexistência: um gesto de reconstrução de narrativas e de fortalecimento da identidade negra capixaba.

A experiência também provocou nos participantes a percepção de que a educação pode e deve ser um ato de criação coletiva e libertadora. Inspirados em Paulo Freire (1996), compreendeu-se que ensinar e aprender ultrapassam os muros da escola, acontecem na escuta, na troca e na ação. Assim, o *videocast* deixou de ser apenas um produto audiovisual e se consolidou como instrumento pedagógico e político de conscientização, capaz de aproximar o passado da luta antirracista do presente.

Considerações Finais

A produção do *videocast* sobre o Porto de São Mateus, em parceria com o Centro Regional da Juventude (CRJ), revelou-se uma experiência transformadora tanto no campo pedagógico quanto no pessoal e coletivo. O projeto demonstrou que





a educação pode e deve ultrapassar os limites da sala de aula, dialogando com os territórios, as comunidades e suas memórias vivas.

A utilização do formato audiovisual possibilitou a construção de uma narrativa que não apenas informa, mas reconecta a história local à ancestralidade negra e ao protagonismo das populações que construíram a cidade. Ao unir o saber acadêmico e o saber popular, o *videocast* tornou-se um exercício de educação decolonial, promovendo o reconhecimento das vozes e dos saberes silenciados historicamente.

A parceria com o CRJ foi essencial para que a experiência se consolidasse como uma ação de extensão e de resistência, fortalecendo o vínculo entre universidade e comunidade. O uso do espaço, dos equipamentos e do suporte técnico não apenas viabilizou a gravação, mas simbolizou a importância de ocupar espaços públicos com narrativas que afirmam a presença negra e o direito à memória.

O produto final com um *videocast* carrega o valor de um registro histórico e afetivo que será editado, produzindo cortes sobre subtemas relativos ao Porto de São Mateus, para ser utilizado como recurso pedagógico interdisciplinar nas escolas e nas universidades. Seu potencial didático reside na capacidade de promover reflexões sobre racismo, identidade, território e pertencimento, contribuindo para uma educação antirracista, crítica e humanizadora.

Por fim, esta experiência reafirma o compromisso com uma educação libertadora (FREIRE, 1996), na qual ensinar e aprender são atos políticos de transformação. O Porto de São Mateus, antes lembrado pela dor da escravidão, ressurge como um lugar de (re)existência, onde a juventude, a comunidade e a academia se encontram para reconstruir a história sob a luz da resistência, da memória e da ancestralidade.

Referências

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

13 a 17 de outubro de 2025

Centro Universitário Norte do Espírito Santo – CEUNES
São Mateus – ES





HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 1990.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2019.

MIGNOLO, Walter D. **La idea de América Latina: la herida colonial y la opción decolonial**. Barcelona: Gedisa, 2007.

MUNANGA, Kabengele. **Redisputando a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Petrópolis: Vozes, 2005.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 7–28, dez. 1993.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

RUSSO, José Luiz. **São Mateus: um porto esquecido**. Vitória: Flor & Cultura, 2011.

WALSH, Catherine. **Interculturalidad, Estado, Sociedad: luchas (de)coloniales de nuestra época**. Quito: Abya-Yala, 2009.

